



## **Na África, mega-operadora portuguesa faz sentido se focar serviços e aplicações**

Para Pedro Sebastião Teta, vice-ministro de Ciência e Tecnologia e presidente da Comissão Nacional das Tecnologias da Informação de Angola, uma mega-operadora de telecomunicações, baseada na oferta de serviços e aplicações na língua portuguesa, faz todo sentido comercial e operacional. Segundo ele, haveria um grande mercado a ser conquistado, principalmente, na África, onde há um potencial de oportunidades.

"Em Angola, por exemplo, estamos buscando parcerias para criar novas redes e levar infra-estrutura para todo o País, composto por 18 províncias e cerca de 15 milhões de habitantes. Hoje, o governo é o maior comprador e usuário de TI. Precisamos mudar isso rapidamente", destacou o vice-ministro da Ciência e Tecnologia de Angola.

Questionado sobre a possível criação de uma mega-operadora de língua portuguesa, a partir da reunião de empresas como Brasil Telecom, Oi e Portugal Telecom, Pedro Teta, que revelou conhecimento sobre o tema, foi taxativo: "Só há chances desse projeto dar certo se ele tiver como foco a necessidade de novos serviços e conteúdo, que é o futuro da oferta de telecom".

"Se for para pensar num negócio de backbone, de oferta pura de infra-estrutura, não vislumbro sucesso, até porque a gestão desse processo não faz sentido em função da globalização da economia", completou Pedro Teta. Em Angola, lembrou o executivo, há duas operadoras móveis em atuação - uma privada, que usa a tecnologia GSM, e uma estatal, que utiliza a tecnologia CDMA.

Hoje, o País possui cerca de 3,5 milhões de usuários do serviço celular, o grande responsável pela oferta de banda larga. Na telefonia fixa, a Angola Telecom é ainda uma estatal. Segundo o vice-ministro, a privatização é um caminho em estudo, mas não há nenhuma ação concreta neste caminho nos próximos meses. Assim como no Brasil, há um plano nacional para levar serviços, especialmente banda larga e telefonia, para todo o País.



REPÚBLICA DE ANGOLA



"Exatamente por isso, acredito que uma mega-operadora de língua portuguesa faz sentido se ela se voltar para serviços e aplicações. Há necessidades de educação, saúde, segurança e inclusão digital. Elas fazem todo o sentido se forem construídas numa língua-mãe. Neste caso, o negócio poderia repercutir muito bem, principalmente na África, onde temos uma necessidade extrema de andar rápido. TIC é o caminho", completou Teta, que participou da abertura do Encontro Rio-África em negócios de Tecnologia, realizado nesta quarta-feira, 22/08, durante a Rio Info 2007, evento que reúne executivos do setor de TI no Rio de Janeiro.

Fonte: Espaço RioInfo 2007 - Convergência Digital :: Ana Paula Lobo, do Rio de Janeiro  
<http://www.convergenciadigital.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=9291&sid=53>